

# “AUTOCRÍTICA” DE E. P. THOMPSON EM A MISÉRIA DA TEORIA: TEORIA MARXISTA E POLÍTICA, SUBJETIVIDADE E OBJETIVIDADE NA HISTÓRIA

HENRI DE CARVALHO\*

---

## RESUMO

Ter-se-á aqui a análise da “Autocrítica”, parte conclusiva de *A Miséria da Teoria* (1983) de Edward Palmer Thompson, tida como sua obra maior, por nela ter confirmado seu juízo conjectural sobre o pensamento de Marx e dos marxistas. A “Autocrítica” é um texto no qual procedera analítica e avaliativamente. É, de certo, parte documental de sua produção enquanto indivíduo, atinente aos próprios atos, em que ponderou sobre suas falhas, perspectivas de apuros e possíveis aperfeiçoamentos já situados quanto à própria concepção de história, ao pensamento marxista e à política na prática das esquerdas pós 1956.

**PALAVRAS-CHAVE:** Edward Palmer Thompson, Althusser, Marxismo, Estruturalismo, comunistas pós 1956.

## ABSTRACT

Will be taken here the analysis of "Self-criticism", the concluding part of *The Poverty of Theory* (1983) from Edward Palmer Thompson, regarded as his greatest work, since it is confirmed his conjectural judgment about the thought of Marx and Marxists. 'Self-criticism' is a text in which he proceeded in an analytical and evaluative way. It is, indeed, a kind of document of their production as an individual, regarding the acts themselves, whereupon he pondered about the fails, prospects of trouble and possible improvements now located on the very conception of history, on the Marxist thought and political practice of the political left post 1956.

**KEYWORDS:** Edward Palmer Thompson, Althusser, Marxism, structuralism, communists after 1956.

---

## **Atualidade do pensamento de Thompson**

Neste contexto de contínuos atos populares que se somaram em diferentes matizes e foram estendidos para além de um ano dos eventos ininterruptos das Jornadas de Junho de 2013, quando mostraram-se limítrofes as organizações institucionalizadas dos sindicatos, centrais sindicais e partidos ditos de esquerda, que nem tiveram o controle nem souberam ainda avaliar o potencial proveito - no melhor sentido do termo - que se pode tirar das gentes nas ruas, em geral trabalhadores e estudantes, cabe avaliar também os limites da compreensão teórica manifestada pelas esquerdas sobre a realidade - pedra angular da qual se deve formalmente partir em compreensão à transformação radical - já que deveriam ter como escopo estratégias e táticas para as ações diretas a considerar suas múltiplas possibilidades e frentes, seja pelo acesso à moradia popular, as relações de trabalho não precarizadas, a terra, a educação e a saúde de qualidade ou por melhorias nas condições do transporte público pelo passe livre, pela desmilitarização da polícia, pela real democratização do poder popular e por lazer, reconhecendo tais parcialidades como itens da totalidade que comporta o real histórico-social da peculiaridade brasileira e que condiz diretamente com as contradições postas na sociedade de classes.

A elevação teórica sobre a realidade potencializa e redimensiona a compreensão e a luta das esquerdas, fora ou dentro das instâncias jurídicas burguesas - de nossa particularidade brasileira e das tantas particularidades dos movimentos sociais pelo mundo - para um avanço histórico que tenha como meta os primeiros passos para a ruptura com o sistema econômico-social e político, universalizados em formas mais ou menos perversas (autoritarismo ou democracia representativa) do 'governo do capital', e, é neste sentido que a retomada do pensamento de talhe humanista e socialista de Edward Palmer Thompson reaparece

como arma espiritual para que se siga na luta em direção à emancipação humana. Afirmar-se-á na análise proposta, reconhecer o humanismo das intenções teórico-práticas do historiador inglês, pois se trata também prescindir melhor, neste contexto de nossa realidade sócio-espiritual humanamente rebaixada, rumo a intervenções mais plenas *ad hominem*.

Cabe aqui duas questões que se entrecruzam por suas características, uma de ordem teórica e outra de talhe prático, e, que, permitem ligar as preocupações do passado de Thompson ao presente de nossa conjuntura histórica: em que medida o cotejamento da elevação teórica contra o idealismo da vertente teórica marxista-estruturalista e do marxismo vulgar, contida na análise da *Autocrítica* thompsoniana, potencializaria uma intervenção mais certa sobre nossa realidade histórica? Ou por outra: como este retorno proposto às categorias do real, qual propunha Marx, possibilita melhor apreensão da realidade e para o caso de nossa realidade histórica, particularmente, no pós Jornadas de Junho de 2013 por exemplo e, no que tange aos partidos e lideranças das esquerdas que se pretendam efetivos representantes da classe trabalhadora na atualidade brasileira?

Ter-se-á aqui a parte conclusiva de sua *A Miséria da Teoria* (1983), entendida por muitos como sua obra maior, justamente por nela ter evidenciado, mais acabadamente, seu entendimento acerca das concepções conjeturais de Marx e dos marxistas. Sua *Autocrítica* trata-se estruturalmente, de um texto no qual, em resumo, procedera hora como exame, hora em balanço. É antes de tudo parte documental de sua exteriorização enquanto indivíduo, concernente aos próprios atos, em que ponderou sobre suas falhas, perspectivas de apuros e possíveis aperfeiçoamentos já estabelecidos quanto à própria concepção de história, ao pensamento marxista e à política na prática das esquerdas pós 1956.

Para o desenvolvimento deste trabalho opta-se por uma estrutura que se inicie do próprio indivíduo, tendo como ponto particular sua realização enquanto sujeito histórico, sua dação expressa no referido texto de arremate. Para abordar o conjunto da obra thompsoniana, numa avaliação mais certa, seria necessário fôlego que não cabe nas páginas de um artigo apenas mas, seguramente, numa ampla dedicação e prolífero empenho intelectual já realizados, tal como atestam as investidas dos historiadores Henry Abelove e Ricardo Gaspar Müller.<sup>1</sup> Procede-se então a uma análise imanente do texto documental (*Autocrítica*) de Thompson, a fim de estabelecer um diálogo problematizado com o autor e outros autores, predominantemente Marx.

### **Experiência histórica**

O objeto em questão – “subjetividade e objetividade na história, teoria marxista e política” – pela concepção de E.P. Thompson, expressos em parte de sua *A Miséria da Teoria*, será abordado como “particularidade” – categoria emprestada do filósofo marxista Geögy Lukács (1968). Por esta via de entendimento, na condição de 'particularidade', sua *Autocrítica*, documental conclusão correspondente à obra supracitada, constitui-se como expressão que dimana das específicas formas de relação entre o singular indivíduo, o próprio autor como sujeito histórico e o universo histórico-societário implexo de múltiplas complexidades *omnilateralmente* inter-relacionadas. De modo que o particular confirma o caráter onto-societário da produção ou dativa singular que só pode ser compreendida e especificada socialmente e, por isto, historicamente.

Partindo, então, do sujeito por sua individualidade cabe dizer que Thompson (1924-1993), nasceu na cidade de Oxford, em uma família metodista que se dispunha à atividade missionária inclusive em outros

países. Teve educação bastante regular e tradicional até que aos 18 anos (1942), após estudar no Corpus Christi College (Cambridge) filiou-se ao Partido Comunista Inglês.

Já em 1943, no fastígio da II Grande Guerra Mundial, serviu como combatente, chegando a tornar-se sargento em uma brigada de tanques na expedição da Itália, contra o fascismo instaurado naquele país e em fase de expansão imperialista. Com o fim da II Guerra, retornou à Inglaterra e concluiu o curso superior de História na Universidade de Cambridge, onde juntamente com outros importantes nomes da historiografia inglesa contemporânea, dentre eles: Eric Hobsbawm, Christopher Hill, Perry Anderson, Dona Torr, Rodney Hilton etc., engendrou um grupo de estudos históricos de linhagem teórica marxista.

Após formar-se, trabalhou na Universidade de Leeds na função de professor leitorista, lecionando também em cursos não acadêmicos voltados para os trabalhadores nos sindicatos. Além disso ensinou na Universidade de Warwick e esporadicamente em universidades nos EUA ao longo da década de 1970.

Entender o pensamento de Thompson por meio do documento que se seguirá exige situar o autor numa geração de historiadores que experimentou historicamente a crise do socialismo soviético após a morte de Stalin. Tal qual muitos dos integrantes dos partidos comunistas alhures, esteve, ele também, ao lado das convicções stalinistas, até que em 1956, diante das afirmações de Nikita Kruchev e a coerção soviética desferida contra o levante da oposição à Republica Popular da Hungria, Thompson, já no ano de 1957, não era mais um quadro do PCI, desligando-se do partido juntamente com outros camaradas historiadores como Trevor Hopper e John Saville. Sua saída do Partido Comunista não foi algo isolado diante dos acontecimentos, também em outras partes do mundo houve tal ruptura, notadamente na França, figuras como Claude Lefort, Merleau-Ponty e Castoriadis. No entanto, cabe

lembrar que outros intelectuais optaram por permanecer no partido, dando-lhe voto de confiança. Na França o nome mais expressivo certamente foi o de Jean-Paul Sartre, ainda que este tenha realizado densa crítica à invasão da Hungria em sua obra *O Fantasma de Stalin*. Na Inglaterra figuras como Eric Hobsbawm e Christopher Hill mantiveram-se ligados ao PCI. Thompson dedicou-se a fazer duras análises sobre o pensamento marxista e as posturas partidárias sectárias empreendidas por seus membros, sem, contudo, romper com Marx, mas buscando nos escritos do próprio filósofo alemão o sentido humanista de seu pensamento e prática de esquerda, de modo que permaneceu convicto nos princípios socialistas.

Pelas décadas que se seguiram até o fim da vida, envolvido e sensibilizado pelas experiências que teve na II Guerra Mundial e diante das atrocidades do stalinismo, Thompson sem medir esforços foi um empedernido propugnador da paz entre os países, avesso à expansão do armamento nuclear pelo mundo justamente no contexto em que a Guerra Fria passava por seus anos mais tensos durante os governos de Ronald Regan nos EUA e Margareth Thatcher na Inglaterra.

Estabeleceu importantes periódicos nos quais publicou artigos de profundidade teórica: leitura contextual-analítica de seu tempo, ecologia, práticas da esquerda, pensamento marxista, teoria política e de história em geral. Foram eles a *Reasoner* fundada ainda em 1956 no contexto da crise dos intelectuais socialistas do PC, juntamente com John Saville, ambos ainda de dentro do PCI e a *The New Reasoner* e depois a *New Left Review*, quando de suas expulsões e saída do partido, todas revistas dissidentes, sendo a primeira mais ousada já que pulsava de dentro do partido, visavam combater e desmontar as teses da Terceira Internacional. Obras que se constituíram como instrumentos críticos com os quais Thompson demonstrou ter se tornado importante emissário da *new english left*, fundamentando solidamente a via teórica para

um humanismo socialista, em aversão às explicações de marxistas que enveredaram por arquétipos anti-humanistas e irracionalistas.

Nos anos finais de sua vida foi acometido por uma grande desilusão em função do avanço do neoliberalismo no mundo e inclusive no Leste Europeu, sendo até hoje um mistério a causa de sua morte por não ter sido revelada por sua família.

### **Da “Autocrítica” como particularidade**

Seguir-se-á aqui a "fundamentação ontoprática como resolução metodológica" da forma marxiana de análise, tal qual extraiu o filósofo paulista José Chasin ao avaliar que para tecer interpretações e críticas é fundamental ler, entender e dar provas de ter lido e compreendido. O estudioso do pensamento marxiano explicou assim que: "A Alma analítica de uma proposta de tal vulto é a sua propulsão categórica à objetividade, a *intentio recta* de apreender o texto na forma própria à objetividade de seu discurso enquanto discurso", quer dizer, "na efetividade de uma entificação peculiar, cuja identidade é resultante da síntese de suas imanentes e múltiplas determinações ideais, que o configuram na qualidade de um corpo de argumentos estável e inconfundível, que independe para *ser* discurso" das apreciações, "mais ou menos" aptas, "pelos quais os analistas se aproximam dele e o abordam". Por esta via de tratamento, uma análise do documento textual, que preserve a imanência do mesmo é a forma indicada.<sup>2</sup>

E. P. Thompson justificou sua opção por concluir com uma *auto-critique* considerando que se tratava de uma “praxe” em seu tempo e fez reflexão acerca de sua “Carta Aberta” ao historiador polonês e crítico do marxismo Leszek Kolakowski, explicando que debateu os “vários significados dos marxismos contemporâneos”, algo que o fez concluir com um conhecimento “geral do marxismo como Tradição”. Nessa “tradição”, observou “uma imensa variedade de discursos e de

subtradições incompatíveis”; mesmo assim, argumentou “que (por menos confortável que essa coexistência possa ser) todos estavam unidos no sentido de empregar um vocabulário comum de conceitos, muitos dos quais oriundos de Marx e Engels”. Por esta razão Thompson recomendou que os marxistas deveriam “resignar à extenuante atividade de definir continuamente” suas disposições “dentro dessa ‘tradição’; e que a única alternativa” seria a de abandonarem “conjuntamente essa tradição” - uma alternativa da qual desistiu. Por suas palavras: “Preferir ficar com ela, mesmo que alguns de nós continuássemos apenas como ‘proscritos’”.<sup>3</sup>

Entre os anos de 1973 e 1978, Thompson pode rever seus excessos e a inadequação de tal decisão descrita anteriormente, tanto na forma como procedeu na crítica a Kolakowski, quanto no reconhecimento de uma tradição marxista e na ruptura que o resignou, indicando que seria uma alternativa evasiva, ainda que se mantivesse contumaz em relação ao stalinismo. Àquela quadra, em que a dita tradição do Marxismo Ocidental do pós 1956 já havia completado mais de duas décadas e já iniciava os contornos da última década e meia de Guerra Fria, o historiador inglês apontou para as diferenças existentes entre os marxistas desde então e avaliou que sua crítica ao pensamento do filósofo francês Louis Althusser e seus seguidores resumia as disparidades.

Segundo Thompson: “Politicamente, há muito se tornou impossível a coabitação das posições stalinista e anti-stalinista, parece-se evidente, agora, ao examinar o Althusserianismo – em minha crítica implícita de outros marxismos correlatos - que já não podemos atribuir nenhum significado teórico à noção de uma tradição comum”. Isto porque o “fosso que se abriu não foi entre diferentes ênfases ao vocabulário de conceitos, entre esta analogia e aquela categoria, mas entre modos de pensar idealista e materialista, entre o marxismo como



um fechamento e como uma tradição, derivada de Marx, de investigação e críticas abertas”. A diferença entre as formas que ganhou o marxismo desde 1956, com seus formuladores buscando a ruptura legítima em termo político-ideológico para com o stalinismo, pairou assim, segundo o autor de *The Poverty...*, numa problemática que ecoava já nos tempos de Marx, qual seja: o cabedal teórico idealista e sua antítese, o materialista. Para Thompson: “O primeiro é uma tradição de teologia”, referindo-se ao marxismo como fechamento epistêmico, tal como o conduzido por Althusser e seus adeptos. “O segundo uma tradição de razão ativa. Ambos podem buscar uma certa autorização em Marx, embora o segundo tenha credenciais imensamente melhores quanto à sua linhagem”.<sup>4</sup>

Thompson revelou uma substancial transformação no seu modo de pensar quando, convicta e veementemente, asseverou: “Devo, portanto, declarar inequivocamente que já não posso falar de uma tradição marxista única, comum”. Justificando que existiam “duas tradições, cuja bifurcação e afastamento foram lentos e cuja declaração final de antagonismo irreconciliável foi retardada - como fato histórico - até 1956. A partir de então foi necessário, na política e na teoria, declarar-se fiel a uma, ou a outra”. Isto porque: “Entre a teologia e a razão não pode haver margem para a negociação”. Sua propositura radical quanto a isto ainda ecoa nos corredores da academia, pois encetou a ideia de que: “O comunista libertário, e o movimento socialista e trabalhista em geral não podem ter relações com a prática teórica exceto para denunciá-la e expulsá-la”.<sup>5</sup>

A radicalidade indicada acima e que ainda aparecerá nas linhas a seguir refletia o “avanço geográfico” do pensamento de Louis Althusser - cognominado por seu mais duro crítico como o “novo Aristóteles do idealismo marxista” – e propagado por seus “ogros”, forma desdenhosa com que Thompson referia os confessores do filósofo francês, que

dentre os tantos muitos eram acadêmicos ingleses, algo que certamente o incomodava ainda mais. Pronunciou que se o althusserianismo lhe “parecesse o fim lógico do pensamento de Marx, então” ele “jamais poderia ser marxista. Seria antes cristão (ou esperaria ter a coragem de certo tipo de radical cristão)”. Endereçou sua crítica ao estruturalismo althusseriano por considerá-lo um contorno do stalinismo em termos teóricos e, por isso, ofensivo em termos políticos. Justificou a pihéria de preferir sua conversão ao cristianismo dizendo que isto: “recuperaria um vocabulário com o qual seriam possíveis escolhas de valor, e que permitiria a defesa da personalidade humana contra as invasões do Estado Capitalista Profano ou do Santo Estado Proletário”. E caso sua descrença e seu “desagrado pelas igrejas, impedissem esse caminho então teria que adotar um humanismo empírico, liberal, moralista”. Isto porque considerava o estruturalismo de Althusser uma fusão entre o funcionalismo durkheimiano e as especulações de Spinoza, bem como uma separação entre valor e fato enquanto elementos de validade para conhecimento científico.<sup>6</sup>

Indispunha-se a aceitar, tais “escolhas espúrias que a prática teórica (e marxismos aliados)” procurava estabelecer. “E em vez disso” declarou “uma incessante guerra intelectual contra esses marxismos”, e o fez “dentro de uma tradição que tem Marx como um de seus principais fundadores”. A tradição afirmada por Thompson aqui é a que apresa o pensamento do próprio Marx como ponto de partida para o marxismo de talhes racional e humanista.<sup>7</sup>

Com isto, o historiador inglês entendeu que não se poderia mais fingir uma unidade quanto as diferenças teóricas-práticas, sobremaneira no que tange à política. Neste sentido, criticou tal coesão forjada situando-a no campo do stalinismo, ainda que se quisesse romper com esta via. Ponderou: “Há uma frase feita que há muito busca evitar esse combate, dizendo ‘Nada de inimizades internas na Esquerda!’. Esse lema

tem uma origem necessária e honrosa na emergência da resistência antifascista, e, em termos políticos, tais emergências reaparecerão com frequência”. Surpreende em nossos dias esta análise, pois o que considerou não foi nenhum sintoma fruto da abstração ou de conceitos em si, pois adotou como princípio a realidade histórica europeia das décadas entre 1960 e 70. Sua justificativa demonstrou que Thompson sabia da validade histórica contida em tal observação, tanto que 36 anos após ter sido escrita, parece vir a calhar numa avaliação atenta de nossos tempos, tanto para a realidade Europeia quanto para a latino-americana, no que diz respeito à necessidade de unidade de todos os setores da esquerda contra o avanço da ultra-direita que dá sinais de querer acordar em tempos de crise sistêmica do capital, momento que exige, e sempre exigiu historicamente, austeridade política.<sup>8</sup>

Um momentos importantíssimo de sua *Autocrítica* é justamente a que, tendo como ponto de partida a situação anteriormente exposta Thompson a problematizou elaborando cinco questões fundamentais, as quais o nortearam ao longo dos 22 anos que precederam *A Miséria da Teoria*. As duas primeiras indagações sugerem sua fundamentação vinda diretamente do pensamento de Marx, primeiramente partindo da própria experiência histórica e em seguida indicando que haja uma conclusiva integração entre teoria revolucionária e prática revolucionária. São elas: “como é possível dizer que não há inimigos, depois da experiência do stalinismo, depois de Budapeste 1956 e Praga 1968? E, dentro da teoria, que significado é atribuído à ‘Esquerda’, quando ela prega uma lição de antimoralismo, anti-humanismo e o fechamento de todas as aberturas empíricas da razão?” A terceira questão é posta apelando ao humanismo reconhecível nas ações e fundamentações teórico-estéticas de grandes expoentes do humanismo socialista: “Poderia Marx ou Morris, ou Mann, ter reconhecido a teoria ou prática do stalinismo, como tendo até mesmo uma relação distante com ‘a Esquerda?’” A quarta e a quinta questões

arrematam a preocupação singular de seu autor, particularizada neste documento, a versar, como as demandas d'antes, sobre a inseparabilidade entre subjetividade e objetividade sócio históricas, prospectando a transcendência da estagnação posta com as contradições, bem como as aporias que pulsam das relações sócio produtivas desiguais e de reprodução tipificadas pelo sistema do capital. São elas: “Pode a supressão da razão, e a obliteração da imaginação, ter qualquer lugar na ‘Esquerda’? O confisco - por um partido ou vanguarda omniscientes e substitucionistas - da atividade própria e dos meios de auto expressão e auto-organização do proletariado, pode constituir a prática de uma ‘Esquerda?’”<sup>9</sup>

Naquele contexto específico, referindo-se ao jargão que forçava a unidade política das esquerdas de antanho, Thompson entendeu que: “O que esse *slogan* faz é simplesmente erigir uma defesa moralista em torno da organização e práticas comunistas ortodoxas - defesas suplementadas pelo ‘terrorismo ideológico’ de Althusser – destinado a impressionar qualquer crítico socialista com sentimento de culpa, uma ruptura da solidariedade”. Deste modo, “o *status quo* torna-se inviolável; qualquer crítica socialista é ilícita (ou prova de ‘calúnia burguesa ou trotskistas’ maldosa); e a única crítica lícita deve ser feita de acordo com os procedimentos lentos e oportunistas da própria máquina. Por isso a luta contra o stalinismo como teoria e prática deve ficar irresolvida para sempre”. Este fato implicava numa subordinada limitação das esquerdas no que diz respeito ao campo de ação no qual cometeriam, segundo Thompson: “diariamente quebras de solidariedade com nossos camaradas que lutam para desmontar o stalinismo e sofrem sob as razões do poder comunista”.<sup>10</sup>

É preciso ter clareza quanto às intenções de Edward Palmer Thompson ao decretar enfrentamento direto ao que se poderia chamar marxismo vulgar, de baixo nível teórico,<sup>11</sup> comumente propalado pelas

esquerdas partidárias, e também contra a analítica acadêmica especulativa posta entusiasticamente no estruturalismo althusseriano. O autor da *Autocrítica* apenas pedia para que se declarassem menos equivocadamente, os que compartilhavam da necessária ruptura, oriunda de 1956, por este motivo explicava: “não formulo uma equação simples: stalinismo = todas as organizações e formas comunistas”. Não declarava pois, “que todo comunista está contaminado e sofre de uma enfermidade mortal”. Não rejeitava “alianças políticas necessárias e conscientes com movimentos comunistas”. Bem como reconhecia “os elementos honrados (e realmente democráticos) na história da luta comunista, no Ocidente e no Terceiro Mundo”. Estava o autor convencido “quanto à coragem e empenho dos quadros comunistas, numa centena de lutas antiimperialistas e anticapitalistas”. Sabia discernir “o stalinismo, como teoria e como forças e práticas específicas, com a existência histórica e sociológica dos movimentos de massa comunista”. Afirmava, “na virada para o ‘eurocomunismo’ estão envolvidas lutas sinceras quanto a princípios, bem como adaptações oportunistas ao eleitorado”. dispunha-se a acolher “a preocupação autêntica - e a divulgação pública dessa preocupação - com aspectos da realidade soviética que se vem tornando cada vez mais evidentes no ‘eurocomunismo’ desde a época de Praga 1968”. Negava-se a desconsiderar “tudo isso como hipocrisia; é um indício importante e bem-vindo de uma modificação ulterior, frequentemente imposta à liderança pela sua própria ‘base’ militante”. Almejava, “acima de tudo, que nas próximas décadas surjam novos reforços para a guerra contra o stalinismo - seja no Leste ou no Oeste - dentro dos próprios movimentos comunistas. Como se processarão essas lutas se - e com que diferenças na Polônia, Espanha ou Bengala - é uma questão histórica, em relação à qual seria tolice a teoria fazer previsões”.<sup>12</sup>

Ora o que Thompson quis expor prospectivamente possui em essência dois itens a considerar: em primeiro lugar, “o comunismo libertário, ou um socialismo que seja ao mesmo tempo democrático e revolucionário em seus meios, sua estratégia e objetivos, deve permanecer firme, numa base independente, sobre seus próprios pés, desenvolvendo sua própria crítica teórica e, cada vez mais, suas próprias formas e práticas políticas”. Pois apenas com tais intentos acreditava ser plausível ajustar alguma unidade entre as esquerdas. E se ‘por ventura’ das específicas circunstâncias históricas as incidências demandarem tal união, nessa ocasião ela não poderia ser realizada nos marcos autoritários e arrogantes do intransigente comunismo ortodoxo: “que as demais diferenças, teóricas e estratégicas, sejam obscurecidas ou silenciadas, no interesse de uma ‘Esquerda Ampla’ (cujos interesses são, por sua vez, em última análise os do Partido)”.<sup>13</sup>

O segundo ponto a analisar é o de que, “as condições para qualquer ação comum devem ser uma crítica continuada e inequívoca de todos os aspectos do legado stalinista”. Com vistas à conclusão do conjunto de objetivos e compromissos que pulsaram de 1956 “até o último item de ‘Outros Assuntos’, qualquer pretensão a uma auto reforma do eurocomunismo só se pode basear em compromissos inseguros de oportunismo eleitoral”. Dizia assim que a luta deveria alcançar “todos os níveis da teoria e da prática - levando a modificações radicais nas formas de organização do partido comunista, e nas relações práticas dos comunistas com outros órgãos socialistas e com seus próprios ‘eleitorados’” – e apenas sob tais “precondições, de que a ação comum *acelere* tais modificações e *revele* diferenças ulteriores, podem nossos propósitos ser atendidos”.<sup>14</sup>

A exemplificação a seguir, extraída particularmente da realidade inglesa, daquela quadra de 1970, parece antecipar algo que os países em desenvolvimento começariam a reproduzir décadas depois, tal como

Marx já explicara numa passagem de *O Capital*: “O país mais desenvolvido não faz mais do que representar a imagem futura do menos desenvolvido”.<sup>15</sup> Assim, segundo E. P. Thompson em passagem um tanto quanto acrimoniosa de sua 'Autocrítica explicou que: “Na Grã-Bretanha, com seu pequeno e decadente Partido Comunista, essas questões são de importância secundária”. Todavia, do mesmo modo, “o fracasso da tradição alternativa, libertaria, em penetrar nesse vazio e se estabelecer como uma presença política ao lado do movimento trabalhista - esse fracasso é dos mais sérios e dos menos explicáveis”. Apontando para uma crise peculiar à ausência de lideranças populares, Thompson alertou que dentro do tão propagandeado, “‘renascimento do marxismo’ na Grã-Bretanha, nas duas últimas décadas, uma montanha de pensamento ainda não fez nascer sequer um mísero político”. Considerando uma falha fundamental o fato de que: “Fechados no elitismo habitual da intelectualidade”, os analistas desprezavam toda espécie de “relação com um movimento trabalhista que eles (por motivos *a priori*) sabem ser ‘reformista’ e ‘corporativo’, cujas lutas criaram as instituições nas quais estão empregados, cujo trabalho fez as cadeiras em que se sentam, que consegue existir e reproduzir-se sem eles, e cujas pressões defensivas são tudo o que se interpõe entre eles e as razões do poder capitalista”. Também não indicaram “esses teóricos quaisquer agências independentes de comunicação e de educação políticas: as únicas agências criadas são publicações através das quais podem conversar entre si. Mas isso suscita uma nova série de questões políticas, a serem discutidas algum outro dia”.<sup>16</sup>

Assumindo que sua 'Autocrítica' carrega um teor amargo, até mais do que considerava ser pessoalmente, Thompson dizia acreditar ter, de fato, “muita energia e capacidade dentro desses barris de marxismos fechados que se enfileiram nos corredores das politécnicas e universidades”. E, oferecendo “um golpe seguro e amargo nas rolas

althusserianas desses barris”, esperava “fazer escapar um pouco dessa energia”. Assim sua crítica ao estruturalismo althusseriano, de talhe crítico-reprodutivista,<sup>17</sup> esperançava que caso assim o fosse, “então, o problema de criar na Inglaterra uma Esquerda independente, empenhada num diálogo contínuo e fraternal com o movimento trabalhista mais amplo, não seria insuperável, afinal de contas. Aquelas ‘estruturas’ maciças e impassíveis de nossa época poderiam mostrar-se mais vulneráveis às agências humanas do que os marxismos supõem”.<sup>18</sup>

O autor de *The Poverty...* afirmou que “se alguns espíritos escaparem aos barris, espero que tragam Marx consigo”. E foi de Marx que considerou não a apropriação de suas análises conjunturais como formas teóricas fechadas, cometendo qualquer barbárie anacrônica, mas tendo a realidade como ponto de partida, não por uma visão parcial e uma concepção apriorística, tão pouco relativista, mas de forma a dar conta de crítica omnilateral, a considerar o caráter sócio ontológico que especifica a história tanto quanto o entendimento histórico, e assim a objetividade tanto quanto a subjetividade, indissociavelmente. Por suas palavras: “Espero que não tragam *apenas* Marx; e devem certamente livrar-se da noção realmente escolástica de que os problemas de nosso tempo (e as experiências de nosso século) serão compreendidos pelo rigoroso escrutínio de um texto publicado há cerca de 120 anos atrás”. Retroceder, “em todo movimento de análise, às proposições de Marx é como participar de uma corrida rústica calçando botas de chumbo”. Thompson exemplificou com a fala do fundador do Movimento de Artes e Ofícios britânico William Morris que “expressou a questão com precisa lucidez: ‘por mais dura que seja a tarefa, é preciso ler Marx’, aconselhou a um correspondente. ‘Até agora, ele é o único economista integralmente científico do nosso lado’”.<sup>19</sup>

Thompson teve o cuidado de contextualizar as formas de compreensão sobre o pensamento acessível e disponível de Marx em



diferentes momentos da história, tanto no tempo em que viveu o filósofo alemão quanto posteriormente assim também foi capaz de persistir na luta coerente em que o colocavam suas convicções, dizendo que: “Enquanto as fileiras reunidas de marxistas” manifestassem “seu escândalo”, ou caíssem “na gargalhada”, continuaria sua argumentação. “A questão não é ser adequado ou não definir Marx como ‘Economista’. Era esse o Marx de que Morris dispunha, e poderíamos acrescentar, é o Marx a que o homem é reduzido pelos manipuladores do ‘modo de produção’ e pelos grupos que se detém a contemplar o umbigo de *O Capital*”. O ponto nevrálgico para o historiador inglês “é que Marx está do nosso lado; nós não estamos do lado de Marx. Ele é uma voz cujo vigor nunca será silenciado, mas não foi jamais a única voz, e seu discurso não tem um alcance ilimitado”. Era assim necessário deixar muito claro que Marx “não inventou o movimento socialista, nem o pensamento socialista ficou, de alguma forma, sendo sua propriedade exclusiva, ou de seus legítimos herdeiros”. Em verdade o filósofo alemão “tinha pouco a dizer (por opção) quanto aos objetivos socialistas, em relação aos quais Morris e outros disseram mais - e mais coisas que são pertinentes hoje”. E Marx, “Ao dizer esse pouco, ele esqueceu (e por vezes pareceu negar) que não só o socialismo, mas *qualquer* futuro feito pelos homens e mulheres não se baseia apenas na ‘ciência’, ou nas determinações da necessidade, mas também numa escolha de valores e nas lutas para tornar efetivas essas escolhas”.<sup>20</sup>

Voltando à questão primordial tecida por Thompson ao longo de sua *Autocrítica*: “A escolha que se apresenta à tradição marxista e que há muito se apresenta, é entre o irracionalismo idealista e a razão operativa e ativa”. Explicando que: “Quanto aos althusserianos, já fizeram essa escolha, há tempos, e se retiraram para os rituais de seu observatório isolado”, e, assim, em uma interessantíssima analogia que evidenciava o caráter idealista do pensamento de Authusser, Thompson exemplificou

da seguinte maneira: “Como se um observatório astronômico devesse ser construído sem qualquer janela e o astrônomo, lá dentro, devesse ordenar o universo estelar unicamente com pena, tinta e papel, assim” o novo Aristóteles do idealismo marxista, “em seu Observatório (e há muitos observatórios iguais) não teve necessidade de lançar um olhar para as miríades palpitantes de seres humanos à sua volta, e pode solucionar os destinos de todos numa lousa, e enxugar todas as suas lágrimas com um sujo pedacinho de esponja.”<sup>21</sup>

Quem sabe “esse observatório já esteja desabando sobre as suas carcomidas bases”. Contudo “outros observatórios mais *avant-garde*, serão construídos em volta de suas ruínas”. Em apelo declarou: “Antes que estes se fechem” (os novos observatórios) “em algum ‘marxismo’ ainda melhor aparelhado, peço a meus leitores que façam também sua escolha”.<sup>22</sup>

Thompson, não ao acaso, depositou uma forte responsabilidade sobre os ombros dos indivíduos leitores e suas escolhas, dando fé ao que Althusser abdicara, o sujeito histórico.

Deste modo, o autor da 'Autocrítica' completou: “Defini, em três ocasiões, os limites de ‘1956’. Sem dúvida meus críticos estão certos: o retorno àquele momento do passado tem sido, em mim, uma obsessão: ‘houve poucas confissões de fossilização tão tristes quanto esta’. A cada derrota devemos levantar-nos, sacudir a poeira dos joelhos e caminhar alegremente com a cabeça erguida”. Três questões que mais expressam, justificadamente as preocupações que o levaram a elaborar tão importante obra de crítica marxista, certamente ainda mui válida. São elas: “Mas, e se a derrota for total e abjeta, e colocar em questão a racionalidade e a boa fé do próprio projeto socialista? E se os protagonistas do movimento socialista finalmente se separarem naquele ponto, e se seu antagonismo absoluto se tornar declarado? Pode-se, então, continuar, com a cabeça ainda erguida como antes?” Thompson

afirmou que não acreditava nisso. Porém assegurou não aludir outra vez a questão. Segundo ele: suas “dívidas para com ‘1956’ foram agora totalmente pagas”. Afirmando “poder, com uma consciência tranquila, voltar” ao seu “trabalho propriamente dito” e ao seu “jardim”. Assim se dedicaria a “espiar como crescem as coisas”.<sup>23</sup>

### **Na crítica a Althusser, coerência de Thompson junto ao pensamento de Marx**

Intenta-se neste momento estabelecer algumas relações possíveis entre a forma e o conteúdo que impulsionaram E. P. Thompson em suas análises, tendo sua realidade histórica e o pensamento de Marx como parâmetros. De imediato importa estabelecer a relação completa entre vida e obra. Algo que situa não apenas as ideias do historiador inglês pelo que, de fato, importam as suas críticas, mas como suas ideias são, elas próprias, confirmação particular de representações dimanadas do processo de vida real que sua individualidade experimentou ativamente.

De tal modo que a *Autocrítica* conclusiva de *A Miséria da Teoria*, sob a qual se detém este trabalho, é o arremate de 22 anos de crítica e militância contra as formas teóricas e os conteúdos práticos relacionados com os eventos de 1956. Como disse o historiador Edgar de Decca (1995) a trajetória intelectual de Thompson, bem como seu caráter dissidente e libertário vincula-se diretamente com a crise do stalinismo da década de 50.

Assim, o pensamento de Marx - derivado da atenção que dedicou em análises conjunturais da realidade - nos servirá também como instrumento que possibilitará avaliar a contribuição quanto a postura teórica-prática de Thompson. Uma de suas teses centrais é encontrada logo na primeira parte de seu *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*, quando afirmou que: “Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as

circunstâncias sob as quais ela é feita, mas antes lhes foram transmitidas assim como se encontram”.<sup>24</sup>

O que se vê, portanto, é a circunstância forjando o indivíduo, no caso o próprio autor, que busca com sua crítica forjar, sob limites histórico-sociais e teóricos, nova circunstância. Algo que confirma a *tese III ad Feiërbach* em que Marx afirmara: “as circunstâncias são transformadas precisamente pelos seres humanos”.<sup>25</sup>

A recomendação que fez Thompson ao citar Morris quanto à sua necessidade de ler Marx, sendo esta a forma mais adequada para entendê-lo, nos atenta ao fato de que para a compreensão de um certo objeto só se pode partir do próprio objeto, assim como, parafraseando sua metáfora derradeira, não deveria o astrônomo trancar-se em um observatório sem janelas, esperando que com sua pena, ao escrever, pudesse ser capaz de ordenar todo o universo. Exemplo que nos atina diretamente à sua fundamentação no Materialismo Histórico contra as especulações de Althusser.

Neste sentido, recorrendo a outro momento de *The Poverty...*, mais precisamente na seção VII, nomeada *Intervalo: a Lógica Histórica*, seu autor teceu inicialmente três argumentos consideráveis contra Althusser: em primeiro lugar afirmou que são os fatos plenos de existência real que constituem o objeto do conhecimento histórico que pode ser apreendido mediante os “vigilantes métodos históricos”. Em segundo, afirmou que a compreensão inteligível da história é efêmera e incompleta por sua própria natureza, seletiva, porém verídica no interior do campo limitado de questões conduzidas à evidência e, é neste sentido, que compreender a história exigindo dela uma epistemologia, na concepção de Thompson, é mesmo inútil além de causar confusão. O terceiro argumento é o de que a relevância histórica tem conveniências específicas e, assim, ainda que se possa formular quaisquer perguntas, nem todas serão apropriadas. De sorte que são inverdades todas as conjecturas que não apresentem

concordância com as especificações da evidência. Dentro do que foi proposto por Thompson, até o momento, entende-se que tanto a pergunta quanto a réplica são simultaneamente especificadoras e, neste sentido, determinantes, bem como a relação entre ambas apenas pode ser entendida na condição de diálogo.<sup>26</sup>

Um dos mais importantes argumentos de Thompson contra a especulação althusseriana é o que afirma o caráter ontológico da história. Explicando que: “O objeto do conhecimento histórico é a história ‘real’, cujas evidências devem ser necessariamente incompletas e imperfeitas”. Por este motivo, crer “que um ‘presente’, por se transformar em ‘passado’, modifica com isto seu *status* ontológico, é compreender mal tanto o passado como o presente. A realidade palpável de nosso próprio presente (transitório) não pode de maneira alguma ser modificada porque está *desde já*, tornando-se o passado, para a posteridade”. Em realidade, “a posteridade não pode interrogá-lo da maneira pela qual o fazemos; sem dúvida, nós, experimentando o momento presente e sendo atores nesse nosso presente, só sobrevivemos na forma de certas evidências de nossos atos ou pensamentos”.<sup>27</sup>

Thompson demonstrou entendimento do caráter ontológico do ser social e evocou na passagem acima o sentido da produção social da consciência, considerando a história como um conglomerado multirelacionado de fatos reais, e, em sua realidade, concreta, sua apreensão pelos indivíduos será sempre especificada e modificada mediante as múltiplas experiências que tais indivíduos em dadas circunstâncias limítrofes ou transcendentais se dispõem a querer compreendê-la. Não quer dizer com isto que seja relativa, mas que o entendimento sobre ela produzido deve ser considerado como uma forma particular de apreensão onto-societária.

Quanto a isto, Marx em *A Ideologia Alemã*, no segundo fragmento sobre Feüerbach explicou que: “A produção de ideias, de representações,

da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens ainda aparecem, aqui, como emanação direta de seu comportamento material”. Marx também explica que isto também serve para a “produção espiritual, tal como ela se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo”. Isto se deve ao fato de que: “Os humanos são os produtores de suas representações, de suas ideias e assim por diante, mas os homens reais, ativos, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formações mais desenvolvidas”.<sup>28</sup>

A coerência de Thompson quanto ao pensamento marxiano é evidente. Assim como Marx - absolutamente avesso à filosofia alemã idealista, que buscava descer do céu à terra - propôs opostamente partir da terra ao céu, recomendando que não se partisse daquilo que os “homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso”; dentro da concepção materialista da história, entenderam os autores de *A Ideologia Alemã*, dever-se-ia iniciar a compreensão tendo como base “os homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real”, mostrar do mesmo modo “o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida”. Os autores ainda alertaram: “Também as formações nebulosas na cabeça dos homens são sublimações necessárias de seu processo de vida material, processo empiricamente constatável e ligado a pressupostos materiais”. De tal modo que: “A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, bem como as formas de consciência a elas correspondentes, são privadas, aqui, da aparência de autonomia que até então possuíam”. Assim, segundo Marx, “os homens, ao desenvolverem

sua produção e seu intercâmbio materiais, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência”. O problema encontrado por Marx nos ideólogos alemães é o mesmo que Thompson identifica em Althusser. Assim para o filósofo do materialismo histórico o idealismo tem por forma partir “da consciência como do indivíduo vivo”, já no caso do materialismo histórico “parte-se dos próprios indivíduos reais, vivos, e se considera a consciência apenas como a sua consciência”.<sup>29</sup>

Completando tal compreensão sobre o pensamento de Marx o próprio Thompson explicou que: “Embora os historiadores possam tomar a decisão de selecionar essas evidências, e escrever uma história de aspectos isolados do todo (uma biografia, a história de uma instituição, uma história da caça à raposa etc.), o objeto real continua unitário”. Ilustrou o historiador inglês que: “O passado humano não é um agregado de histórias separadas, mas uma soma unitária do comportamento humano, cada aspecto do qual se relaciona com outros de determinadas maneiras, tal como os atores individuais se relacionavam de certas maneiras (pelo mercado, pelas relações de poder e subordinação etc.)”. Destarte: “Na medida em que essas ações e relações deram origem a modificações, que se tornam objeto de investigação racional, podemos definir essa soma como um *processo* histórico, isto é, práticas ordenadas e estruturadas de maneiras racionais. Embora essa definição surja em resposta a pergunta formulada, esta não ‘inventa’ o processo”. Isto porque: “Os processos acabados da mudança histórica, com sua complicada causação, realmente ocorreram, e a historiografia pode falsificar ou não entender, mas não pode modificar, em nenhum grau, o *status* ontológico do passado. o objetivo da disciplina histórica e a consecução dessa verdade da história”.<sup>30</sup>

Tais elementos extraídos antes do próprio Thompson e dialogados aqui com Marx dar-se-ão como suporte para a compreensão dos sexto, sétimo e oitavo pontos indicados pelo historiador inglês no que concerne à sua crítica ao althusserianismo, apontando para aspectos de sua “metodologia” dentro da compreensão do materialismo histórico.

Segundo o autor de *The Poverty...*, no sexto ponto apresentado: “A investigação da história como processo, como sucessão de acontecimentos ou ‘desordem racional’, acarreta noções de causação, de contradição, de mediação e da organização (por vezes estruturação) sistemática da vida social, política, econômica e intelectual”. Tais “elaboradas noções ‘pertencem’ à teoria histórica, são refinadas dentro dos procedimentos dessa teoria, são pensadas dentro do pensamento. Mas não é verdade que a teoria pertença *apenas* à esfera da teoria”. Para Thompson: “Toda noção, ou conceito, surge de engajamentos empíricos”, que se atém simplesmente aos fatos reais, “e por mais abstratos que sejam os procedimentos de sua auto interrogação, esta deve ser remetida a um compromisso com as propriedades determinadas da evidência, e defender seus argumentos ante juízes vigilantes no ‘tribunal de recursos’ da história”. Versa-se, “num sentido bastante crítico, novamente de uma questão de diálogo. Na medida em que uma tese (o conceito, ou hipótese) é posta em relação com suas antíteses (determinação objetiva não-teórica) e disso resulta uma síntese (conhecimento histórico), temos o que poderemos chamar de dialética do conhecimento histórico”. Doutro modo “poderíamos chamar, antes que a 'dialética' fosse rudemente arrancada de nossas mãos e transformada no brinquedo do escolasticismo”. Forma como Thompson desdenhosamente remete à especulação do marxismo althusseriano, a quem acusou de converter em teologia o pensamento de Marx, o que fez o historiador inglês alcunhar o filósofo do estruturalismo de “novo Aristóteles do idealismo marxista”, como já se disse antes.<sup>31</sup>



O sétimo item manifesta sua compreensão sobre o materialismo histórico com evidentes preocupações metodológicas, reconhecendo que em Marx não há uma metodologia *a priori*, mas que o pressuposto de que se deve partir só pode ser a realidade sócio histórica do objeto a ser compreendido. Segundo Thompson: “O materialismo histórico não difere de outras ordenações interpretativas das evidências históricas (ou não difere necessariamente) por quaisquer premissas epistemológicas”, todavia “por suas categorias, suas hipóteses características e procedimentos consequentes, e no reconhecido parentesco conceptual entre estas e os conceitos desenvolvidos pelos praticantes marxistas em outras disciplinas”. Thompson não considerava “a historiografia marxista como dependente de um corpo geral de marxismo-como-teoria, localizado em alguma outra parte (talvez na filosofia?)”. Opostamente, dizia que se havia “um terreno comum para todas as práticas marxistas, então ele deve estar onde o próprio Marx o situou, no materialismo histórico. É este o terreno do qual surge toda a teoria marxista, e ao qual ela deve, no fim, retornar”.<sup>32</sup>

Thompson entendeu que retornar a Marx seria aceitar necessariamente o homem como a raiz, o *post extrema*. Segundo explicou: “A pátria da teoria marxista continua onde sempre esteve, no objeto humano real, em todas as suas manifestações (passadas e presentes); objeto que, no entanto, não pode ser conhecido num golpe de vista teórico (como se a Teoria pudesse engolir a realidade de uma só bocada), mas apenas através de disciplinas separadas, informadas por conceitos unitários”. Tais “disciplinas ou práticas se encontram em suas fronteiras, trocam conceitos, discutem, corrigem-se mutuamente os erros. A filosofia pode (e deve) monitorar, aperfeiçoar e assistir a essas conversas”. Porém, alerta o historiador inglês: “se deixamos que a filosofia procure *abstrair* os conceitos das práticas, e construir a partir deles uma Sede para a Teoria, independentemente daquelas, e muito

distante de qualquer diálogo com o objeto da teoria, então teremos - o teatro de Althusser!”, seu idealismo manifesto.<sup>33</sup>

O último ponto (o oitavo) apresenta a propositura final de Thompson. Trata-se de “uma restrição fundamental à epistemologia althusseriana, e também a certos estruturalismos ou sistemas funcionais (por exemplo, a sociologia parsoniana) que periodicamente procuram superar a disciplina histórica”. O historiador Inglês entendeu ser necessário deixar clara uma resolução quanto ao materialismo histórico propositado por Marx, qual seja: “categorias e conceitos críticos empregados pelo materialismo histórico só podem ser compreendidos *como Categorias histórica*”, ou seja, “categorias ou conceitos próprios para a investigação de processo, ao escrutínio dos ‘fatos’ que no momento mesmo da interrogação, modificam sua forma (ou conservam sua forma mas modificam seus ‘significados’) ou se dissolvem em outros fatos”; De modo que se deve encontrar os “conceitos adequados ao tratamento das evidências não passíveis de representação conceptual estática, mas apenas como manifestação ou como contradição”. Na compreensão de Thompson, no esteio do materialismo de Marx: “As evidências (e os acontecimentos reais) não obedecem a regras, e não obstante não poderiam ser compreendidas sem a regra, a qual oferecem suas próprias irregularidades”. Este é um procedimento que segundo o autor “provoca impaciência em alguns filósofos (e mesmo sociólogos), que consideram que um conceito com tal elasticidade não é um verdadeiro conceito, e uma regra não é uma regra a menos que as evidências se conformem a ela, e permanecem em posição de sentido no mesmo lugar”. Ora os conceitos e os preceitos históricos são, frequentemente, de tal ordem. “Exibem extrema elasticidade e permitem grande irregularidade”; de sorte que “o historiador parece estar fugindo ao rigor, ao mergulhar por um momento nas mais amplas generalizações, quando no momento seguinte se perde nas particularidades das qualificações em qualquer caso

especial”. Algo que acende “desconfiança, e mesmo hilaridade, em outras disciplinas”. Thompson explicou que: “O materialismo histórico emprega conceitos de igual generalidade e elasticidade – ‘exploração’, ‘hegemonia’, ‘luta de classes’”, contudo devem ser compreendidos “mais como expectativas do que como regras”. Mesmo as várias “categorias que parecem oferecer menor elasticidade” tais como “‘feudalismo’, ‘capitalismo’, ‘burguesia’” aparecem “na prática histórica não como tipos ideais realizados na evolução histórica, mas como famílias inteiras de casos especiais, famílias que incluem órfãos adotados e filhos da miscigenação tipológica”. E arremata: “A história não conhece verbos regulares”.<sup>34</sup>

Sobre este último ponto, bem lembra o sociólogo e cientista político Ricardo Gaspar Müller (2007), que Thompson formulou ideias que foram frequentemente parafraseadas, uma delas, a calhar, é a de que “A história em si é o único laboratório possível de experimentação e nosso único equipamento experimental é a lógica histórica” e seu objetivo, o da história - disse em outra elaboração – “é o de reconstruir, ‘explicar’ e ‘compreender’ seu objeto: a história real”.<sup>35</sup>

Thompson foi perspicaz ao entender, sob as especificidades históricas, a relação entre os estruturalismos do pós 1956 e o idealismo dos tempos de Marx. Para a demonstração do que aqui se pretende estabelecer - quanto à devida aproximação do pensamento do historiador inglês para com o autor dos *Grundrisse*<sup>36</sup> - recorre-se aos manuscritos que precedera *O Capital*, ao laboratório de sua crítica à economia política, para que se capte dos exames dos economistas clássicos principalmente ao idealismo hegeliano, as bases teórica das quais se valeu Thompson contra Althusser e seus “ogros”.

Marx desconsiderou o esforço que a vertente da economia política indicou ao arriscar dar conta do real como categoria primeira, Marx observou que começar um exame tendo por base a população, ainda que

isto possa parecer concreto, em fato trata-se de um embuste, uma vez que “A população é uma abstração quando deixo de fora, por exemplo, as classes das quais é constituída”. Marx, entretanto, não adota as classes como arremate para a apreensão objetiva, pois o próprio termo, classe, se forma vazio se “[...] desconheço os elementos nos quais se baseiam. Por exemplo, trabalho assalariado, capital, etc.”. Esses sim, pela compreensão marxiana, “[...] supõem a troca, a divisão do trabalho, os preços, etc. O capital, por exemplo, não é nada sem o trabalho assalariado, sem o valor, sem o dinheiro, sem os preços, etc.”. Deste modo, começar pela população é o mesmo que principiar pela representação do real e não pelo concreto em si, uma vez que o trabalho é a categoria fundamental com a qual é possível de haver uma certa população e, de forma interativa, pelas relações sociais de produção de “rica totalidade de muitas determinações e relações”. Destarte, a análise do real deve seguir em ordem elementar, iniciando-se por uma apreciação que incida progressivamente de categorias simples e avançar na compreensão de “[...] trabalho, divisão do trabalho, necessidade, valor de troca, até o estado, a troca entre as nações e o mercado mundial”. Eis o procedimento considerado adequado para Marx.<sup>37</sup>

Tal como Marx entendeu o procedimento para se perscrutar a realidade não se deve conceber a economia pela economia, também não a população pela população como configurações generalizadas das relações pelas quais se realizam até atingirem o seu aparelhamento estatal. Além disso, carece apurar a disposição dos meios pelos quais se realiza o trabalho. Este surge positivamente como particularidade do humano enquanto ser genérico e indispensável à composição sócio organizacional objetivada pelos indivíduos que, por sua vez, o fazem, de modo particularizado e interrelacionadamente, como exteriorização do ser objetivamente social, o qual “[...] aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida. Não

obstante seja o ponto de partida efetivo e, em consequência, também o ponto de partida da intuição e da representação”.<sup>38</sup>

Ao modo do contorno marxiano as licenças abstratas apontam à reprodução do real por intermédio das capacidades intelectuais. Assim, “[...] o método de ascender do abstrato ao concreto é somente o modo do pensamento de apropriar-se do concreto mental. Mas de forma alguma é o processo de gênese do próprio concreto”. Aí está um aspecto importante da obstinação ao idealismo hegeliano. A afirmação do real em Marx se dá como concreticidade do mundo produzido e reproduzido, material e espiritualmente, pelos homens em seu processo de vida real.<sup>39</sup>

O procedimento então recomendado, em aferro ao artifício da economia política, é o de adotar as categorias simples e delinear as suas relações e disposições reais. O autor dos *Grundrisse* explicou que Hegel iniciou acertadamente “[...] a filosofia do direito com a posse como a mais simples relação jurídica do sujeito”. Nada obstante, esclareceu que antes existem a “[...] família ou mesmo as relações de dominação e de servidão, que são relações muito mais concretas. Pelo contrário, seria correto dizer que existem famílias, tribos, que somente possuem, mas não têm propriedade”. A posse, a despeito de ser uma categoria simples, não passou a existir, na acepção marxiana, sem que houvesse ulteriores categorias mais simples que ela, tais como: o trabalho, a família e as tribos, por exemplo.<sup>40</sup>

Caso fosse adequada a hipótese de Hegel, consistiria crível admitir que em sociedades materialmente mais desenvolvidas a relação mais elementar de sua complexa organização seja a propriedade; mesmo assim, em verdade a origem de que partiu o filósofo é uma conjectura. Isto porque segundo Marx: “[...] as categorias simples são expressões de relações nas quais o concreto ainda não desenvolvido pode ter se realizado sem ainda ter posto a conexão ou a relação mais multilateral

que é mentalmente expressa nas categorias mais concretas”. Isso se dá pelo fato de que o real sensível, em sua configuração mais implexa, sustenta a própria categoria de modo subordinado em sua relação. Ou seja: lhe é imperativo o capital, carece dele para que haja dinheiro, por exemplo, de sorte que sociedades que praticavam trocas materiais não foram capitalistas, não desenvolveram sistemas bancários, nem mesmo assalariamento do trabalho.<sup>41</sup>

Nota-se assim que “[...] o curso do pensamento abstrato que se eleva do mais simples ao combinado corresponderia ao processo histórico efetivo”. Desse modo, a compreensão marxiana permeia a tônica das particularidades históricas porque a especificidade é o mote de encontro das categorias elementares para o nexos de seu sentido histórico. Esta foi a percepção que teve corretamente Thompson em sua crítica ao estruturalismo.<sup>42</sup>

Concluída a crítica quanto ao pensamento especulativo de Althusser, com profunda e reconhecida coerência de Thompson para com o pensamento de Marx, cabe retomar ao sentido originário de sua crítica do marxismo vulgar, pois ela deriva das circunstâncias de seu momento histórico específico. A militância do historiador inglês em oposição direta aos PC's, que se mantiveram como seções do centralismo partidário da CCCP, em termos práticos é respaldada também teoricamente pela compreensão marxiana acerca da especificidade funcional do Partido Comunista. Destas explicações se poderá extrair exemplos sobre as funções não apenas do movimento de esquerda de seu tempo, mas certamente para os nossos dias, pois, são das contradições particulares às relações sociais de produção, postas pelo capital, que plasmam movimentos efetivos das gentes organizadas em frentes de lutas por resoluções de problemas postos na cotidianidade, tais como: moradia, transporte, educação, saúde participação política pelo poder popular, etc., mas todas pautas que foram bradadas nas

manifestações de rua particularmente em nosso país, mas verificáveis em diversos contornos alhures.

Para tanto cabe observar atentamente o que Marx escrevera na segunda parte de seu *Manifesto Comunista de 1848*, nomeadamente “Proletários e Comunistas”: “Os comunistas não formam um partido à parte, oposto aos outros partidos operários”. Algo que já supõe não ser necessário qualquer filiação direta para que dele se faça parte, pois “Não têm interesses diferentes dos interesses do proletariado em geral”. Não cabendo ao Partido Comunista proclamar “princípios particulares, segundo os quais pretendam moldar o movimento operário”. Assim Marx explicara que a distinção entre o PC e os demais partidos operários se nota em apenas dois pontos: primeiramente, “Nas lutas nacionais dos proletários, destacam e fazem prevalecer os interesses comuns do proletariado, independentemente da nacionalidade”; e, em segundo lugar, “Nas diferentes fases de desenvolvimentos por que passa a luta entre proletários e burgueses, representam, sempre e em toda parte, os interesses do movimento em seu conjunto”. Coisa que implica admitir o PC por sua mutação particularizada em face das especificidades circunstanciais de cada tempo e lugar. O PC não é um partido estatuído e orgânico, pois, “Na prática, os comunistas constituem a fração mais resoluta dos partidos operários de cada país, a fração que impulsiona as demais; teoricamente têm sobre o resto do proletariado a vantagem de uma compreensão nítida das condições, do curso e dos fins gerais do movimento proletário”. Sua função é, segundo Marx, a de captar com clareza as condições objetivas para a formulação de saídas conscientemente exequíveis para deste modo serem deliberadas e empreendidas na prática com o intuito exclusivo de atender os interesses da classe trabalhadora de modo geral.<sup>43</sup>

Neste sentido, para Marx: “O objetivo imediato dos comunistas é o mesmo que o de todos os demais partidos proletários: constituição do

proletariado em classe, derrubada da supremacia burguesa, conquista do poder político pelo proletariado”.<sup>44</sup>

Este movimento segundo o filósofo alemão, “no curso de seu desenvolvimento”, faria desaparecer “os antagonismos de classes e toda a produção” passaria a ser “concentrada nas mãos dos indivíduos associados” livremente, de modo que, “o poder público” perderia “seu caráter político”. Isto porquê para Marx, “O poder político é o poder organizado de uma classe para a opressão de outra”. De sorte que, “Se o proletariado, em sua luta contra a burguesia, se organiza forçosamente como classe, se por meio de uma revolução se converte em classe dominante e como classe dominante destrói violentamente as antigas relações de produção”, aniquila, “juntamente com essas relações de produção, as condições de existência dos antagonismos entre as classes, destrói as classes em geral e, com isso, sua própria dominação como classe”.<sup>45</sup>

No campo da subjetividade as proposituras conjecturais dos comunistas não se fundamentam “em ideias ou princípios inventados ou descobertos por este ou aquele reformador do mundo”, opostamente, são só a “Expressão geral das condições efetivas de uma luta de classes que existe, de um movimento histórico que se desenvolve diante dos olhos”. Eis o cabedal teórico de que pareceu se valer Thompson, em suas exigências à retomada de Marx contra a especulação teórica idealista, em particular ao estruturalismo, e, com o qual afinava-se contra a prática descabida dos exercícios de força da CCCP de Stalin, aclarada em 1956.<sup>46</sup>

Aos poucos surge o delineamento teórico e de certo ideológico como “processo geral da produção de significados e ideias”, bem como “um sistema de crenças característico de uma classe ou grupo” em que Thompson se identificou, o proletariado, e, se posicionou de modo coerente bem como propositivo junto ao pensamento de Marx,



consagrando-se assim um comunista libertário, reivindicando saídas práticas e teóricas no sentido da construção necessária de um humanismo socialista.<sup>47</sup>

Assim, a importância do postulado de Thompson quanto ao caráter teórico dos marxistas pós 1956 - e que racharam com os Partidos Comunistas (seções da Terceira Internacional) - corresponde também a um comportamento político pelo reconhecimento do humanismo socialista contido no pensamento de Marx.

O historiador inglês acusou a estagnação teórica de conservadora e este é o sentido do título de sua contribuição à teoria da história, *A Miséria da Teoria*. A reconhecida postura antirrevolucionária de um grupo de estruturalistas, principalmente *Aristóteles do idealismo marxista* e seus *ogros*, que extirparam da história o indivíduo enquanto sujeito. Aos não leitores das obras de Althusser cabe adiantar que a retirada do sujeito da história não é uma acusação em que reage qualquer subjetividade de Thompson em sua ânsia de desmontar teoricamente o estruturalista francês, mas são das palavras do próprio Althusser que se confirma a acusação de tal absurdidade. Em sua obra *Reading Capital* (1970) foi peremptório ao afirmar que a história consiste num colossal e dinâmico sistema natural-humano e o motor da história é a luta de classes, considerando que a história de fato constitui-se num processo sem sujeito nem fim ou fins, em que as circunstancialidades postas, d'onde "os homens" atuam como sujeitos perante a determinação de relações sociais, resultam da luta de classes. Por esta razão aos defensores do estruturalismo a história não possui um sujeito, porém um motor que deve ser, segundo Althusser a luta de classes.

Os últimos parágrafos de sua *Autocrítica* evoca constantemente o sujeito histórico, cobrando dos acadêmicos e de seus leitores a importância de suas escolhas diante do mundo, de certo modo em seu discurso nota-se a militância por um socialismo libertário,

academicamente menos arrogante e mais posto revolucionariamente. Sobre o método marxista levado adiante por Althusser, Thompson o desmontou. Compreendeu não ter sentido existir tal método teórico a *priori*, pois se assim o for constituir-se-á em sua antítese imediata, o Idealismo.

Algo que ficou muito claro sobre a compreensão do pensamento de Marx é que tal entendimento só deve advir dos estudos dedicados sobre as obras do próprio autor, considerando-o antes como sujeito histórico restrito às circunstancialidades objetivas sócio-produtivas e sócio-organizacionais, políticas e também subjetivas, amalgamadas com a objetividade, nas formas da moral, da filosofia, da religião das ciências e das artes que fazem parte do universo no qual o indivíduo, num tempo e lugar, é gerador de novas circunstâncias.

Deste modo, Thompson afirmou a necessidade de escapar dos sistemas teóricos engessados e que buscam compreender a realidade impondo a ela conceitos pré-estabelecidos, pois tal postura não levaria a uma concepção transformadora da história, no mais seria mesmo antirrevolucionária e no mínimo conservadora. No parágrafo final afirmou ter dado conta do que pretendia dizer, e disse, em crítica ao estruturalismo. E assim se viu, ele mesmo, enquanto sujeito que espalhou por sobre o jardim suas sementes para, daquele momento em diante, esperar vicejar as consequências.

#### Notas:

---

\* Doutor em História Social pela PUC-SP onde atua como pesquisador do NEHTIPO (Núcleo de Estudos de História: Trabalho, Ideologia e Poder) tendo por linha de pesquisa Ontologia, História e Arte; professor-pesquisador do departamento de História da UNIMESP - Guarulhos; editor da Revista Debates - Sinpro Guarulhos.

---

<sup>1</sup> Ver: ABELOVE, Henry. *Review Essay of 'The Poverty of Theory', History and Theory*, vol. 21, 1982; MÜLLER, Ricardo Gaspar. *Revisitando E. P. Thompson e A Miséria da Teoria*. Paraná: Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 11, n. 1/n. 2, 2007.

<sup>2</sup> CHASIN, José. *Marx: Estatuto Ontológico e Resolução Metodológica*. São Paulo: Boitempo, 2009, p. 25.

<sup>3</sup> THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1981 p. 208.

<sup>4</sup> *Idem*.

<sup>5</sup> *Idem*.

<sup>6</sup> *Ibidem*, pp. 208-9.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 209.

<sup>8</sup> Digo isto pois estou convencido que desde as Jornadas de Junho de 2013, um ano depois ainda não esgotadas, reapareceu uma tendência prática das gentes nas ruas e das esquerdas antes fragmentadas a repensarem uma frente de unidade contra o avanço da direita mais conservadora. Este fato fica melhor documentado na carta aberta de Luciana Genro que se dispôs a não concorrer à vice-presidência ao lado de Randolfe caso não haja uma unidade com o PSTU e com o PCB em favor da candidatura de Vlasimir Safatle a governador do estado de São Paulo - ainda que a direção do Partido Comunista Brasileiro tenha negado a coligação em Alagoas e Rio Grande do Sul, referida pela pré-candidata do PSOL. Ver: THOMPSON, 1981, p. 209.

<sup>9</sup> THOMPSON, *Op. Cit.*, 1981, p. 209.

<sup>10</sup> *Idem*.

<sup>11</sup> Modo como José Chasin em sua *Rota e Prospectiva de um Projeto Marxista* (2001) se referiu aos casos particulares que envolviam a esquerda brasileira e a escola teórica politicista a que chamou "Analítica Paulista". Vide bibliografia.

<sup>12</sup> THOMPSON, *Op. Cit.*, 1981, pp. 209-10.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 210.

<sup>14</sup> *Idem*.

<sup>15</sup> MARX, Karl. *O Capital*. Livro 1. São Paulo: Diefel, 1984, p. 5.

<sup>16</sup> THOMPSON, *Op. Cit.*, 1981, pp. 210-11.

<sup>17</sup> Modo como o pedagogo Demerval Saviani em seu célebre ensaio *Escola e Democracia*(1985) referiu-se ao marxismo estruturalista de Althusser em análise da obra *Ideologia e Aparelhos ideológicos do Estado* (s/d). vide bibliografia.

<sup>18</sup> THOMPSON, *Op. Cit.*, 1981, p. 211.

<sup>19</sup> *Idem*.

<sup>20</sup> *Ibidem*, pp. 211-12.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 212.

<sup>22</sup> *Idem*.

<sup>23</sup> *Idem*.

<sup>24</sup> MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luis Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011. MARX, 2011, p. 25.

<sup>25</sup> MARX, 1982, p. 2.

<sup>26</sup> THOMPSON, *Op. Cit.*, 1981, pp. 49-50.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 50.

<sup>28</sup> MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007, pp. 93-4.

---

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 94.

<sup>30</sup> THOMPSON, *Op. Cit.*, 1981, pp. 50-1.

<sup>31</sup> THOMPSON, *Op. Cit.*, 1981, pp. 54-5.

<sup>32</sup> THOMPSON, *Op. Cit.*, 1981, p. 54.

<sup>33</sup> *Idem*.

<sup>34</sup> THOMPSON, *Op. Cit.*, 1981, pp. 56-7.

<sup>35</sup> THOMPSON, *Op. Cit.*, 1981, p. 57.

<sup>36</sup> Mais detalhes sobre o modo de análise marxiana, que se opõe ao procedimento teórico especulativo sobre a realidade sócio-objetiva, preferindo extrair da realidade ontosocietária as categorias de análise que rumam do simples ao complexo, vide na bibliografia: CARVALHO, 2012.

<sup>37</sup> MARX, Karl. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011a. 2011a, p. 54

<sup>38</sup> MARX, *Op. Cit.*, 2011a, p. 54.

<sup>39</sup> MARX, *Op. Cit.*, 2011a, pp. 54-5.

<sup>40</sup> MARX, *Op. Cit.*, 2011a, p. 55.

<sup>41</sup> MARX, *Op. Cit.*, 2011a, p. 56.

<sup>42</sup> *Idem*.

<sup>43</sup> MARX, 2007a, p. 51

<sup>44</sup> *Idem*.

<sup>45</sup> MARX, *Op. Cit.*, 2007a, p. 58.

<sup>46</sup> MARX, *Op. Cit.*, 2007a, p. 52.

<sup>47</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 60.

Data de envio: 09/08/2013.

Data de aceite: 19/08/2013.